CISION

Jornal de Notícias

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 223,3cm²
Âmbito: Informação Geral
Period.: Diária
Pág: 2

ID: 122566895 16-04-2026

PAÍS POSSÍVEL

Defender a democracia

POR
Maria de Lurdes Rodrigues
Professora universitária

Pacheco Pereira, corajosamente, decidiu que não podiam ficar sem resposta as mentiras, omissões e inverdades ditas no Parlamento na cerimónia que assinalou os 50 anos de aprovação da Constituição. Considerou que aquelas constituíam um ataque à democracia e um insulto aos que lutaram contra a ditadura de Salazar. Entendeu que não chegava manifestar indignação, era necessário ser-se consequente e confrontar as mentiras e defender a verdade.

Sem surpresa, não foram respeitadas as regras que propôs para um debate civilizado com Ventura. Interrompido sistematicamente com apartes provocatórios, abafado com uma berraria ensurdecedora, foi-lhe difícil apresentar argumentos racionais e enfrentar os insultos à sua e à nossa inteligência. Neste aspeto, nada de novo. O outro não estava ali para ouvir e debater, mas para gritar e fazer demagogia. Como de costume, tudo usou para que ficasse apenas o que tinha para repetir, distraindo os telespectadores do contraditório.

As taxas de rejeição deste tipo de intervenção pública são muitas, e com este debate o autor das mentiras não melhorou a sua posição. Foi mais do mesmo em grosseria e má-criação. Ilustrou bem como usa os privilégios da democracia, desde logo a liberdade de expressão, para a corroer e destruir. Quanto à intervenção de Pacheco Pereira, para os muitos disponíveis para ouvir, valeu a pena pelos argumentos de defesa da democracia e do Estado de direito. Retenho dois.

Em primeiro lugar, a desmontagem da falsa equiparação entre ditadura e democracia. Ventura nunca comparou aqueles regimes, mas a ditadura com o período de transição para a democracia. Naquele período houve iniquidades que hoje conhecemos porque foram estudadas pela democracia. Iniquidades que terminaram porque a democracia as eliminou, substituindo os poderes arbitrários das revoluções pela institucionalização do Estado de direito. A ditadura reprimiu, censurou, torturou. A democracia não. A democracia foi e é vida em liberdade.

Em segundo lugar, a ditadura arrastou o país para uma guerra colonial prolongada e atroz. Ao contrário do que se passou noutros países, Salazar não aceitou uma transição para a independência das colónias. Criou, assim, todas as condições para as turbulências da descolonização, de que é o primeiro responsável. A democracia, em alternativa, construiu um tempo de paz que só desvaloriza quem vive bem com a crueldade das guerras.

É tempo de, com coragem e sem medo, defender a democracia dos seus inimigos internos.

A ditadura arrastou o país para uma guerra colonial prolongada e atroz. Ao contrário do que se passou noutros países, Salazar não aceitou uma transição para a independência das colónias.